

Cidade caminhável

Jéssica Tamiozzo Schmidt

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, UNIFAP, Brasil.



CÓDIGO QR DE ACESSO
AO PAINEL DE APRESENTAÇÃO

RESUMO

Mobilidade é a qualidade daquilo que se move, do que se consegue movimentar, é a capacidade de chegar aos lugares necessários para a vida urbana. Mobilidade não se resume ao transporte, não é ter uma maneira para se deslocar, mas um sistema de possíveis modos de transporte com qualidade. Na mobilidade a pé, a caminhada é a forma mais comum de transporte no mundo, fazendo de qualquer pessoa, em algum momento do dia, um pedestre. Inclusivamente, nos Planos de Mobilidade Urbana, é exigido a priorização do pedestre e a Política Nacional de Mobilidade Urbana reconhece os transportes ativos (ou não-motorizados) como meios de transporte. O que vemos atualmente é o espaço e o respeito ao pedestre diminuírem cada vez mais com o rápido crescimento das cidades e o planejamento urbano focado nos carros. A calçada é parte do espaço público e sua infraestrutura é um dos principais elementos que influenciam na mobilidade a pé. Portanto, ela atua no conforto percebido durante a caminhada, determina a disposição que as pessoas têm de usar o caminhar como meio de transporte e deve ser capaz de atender democraticamente todos seus usuários. O caminhar é realizado por todas as pessoas, independente de suas habilidades, e essa diversidade deve ser considerada no planejamento da rede e da acessibilidade do local. É preciso olhar a cidade sob a perspectiva do pedestre, compreendendo as características do ambiente urbano que favorecem e que desestimulem a caminhada. Este trabalho apresenta alguns fatores que interferem positivamente e/ou negativamente na mobilidade a pé na cidade de Macapá, desenvolvendo os indicadores caminhabilidade e acessibilidade como medidas e referências à qualidade de vida no meio urbano. Analisou-se o conceito de mobilidade a pé como meio de deslocamentos diários e a qualidade dos percursos pela sua caminhabilidade. Verificou-se que os aspectos negativos, além de estarem em maior quantidade, apresentaram maior significância se comparados aos positivos, demonstrando a inconstância do ambiente urbano, a desmotivação dos pedestres e a relevância da forma urbana no tangente à mobilidade a pé. Portanto, uma cidade caminhável deve ser desenhada primeiramente para pedestres, com aspectos ambientais, como sombras e abrigos, para conforto e incentivo, com calçadas e travessias totalmente conectadas, que permitam rotas mais diretas, com acesso legível, rápido e fácil ao transporte público de qualidade, aos comércios e aos serviços da cidade, onde o desenho dos espaços seja inclusivo e priorize as pessoas portadoras de deficiência e com mobilidade reduzida. A rede de mobilidade a pé deve ser sempre planejada considerando cada pedestre, priorizando os mais vulneráveis e respeitando suas limitações. A escolha de uma cidade caminhável, da mobilidade a pé, é uma forma de nos conectarmos com o espaço físico e, principalmente, com o espaço social que nos cerca, é tornar a cidade mais equitativa e mais democrática, é uma mudança de paradigma para a crise da mobilidade urbana, é tornar a cidade ativa onde a população pode fazer escolhas mais saudáveis e sustentáveis. e plantio de espécies vegetais que atuam na redução da emissão de CO2.